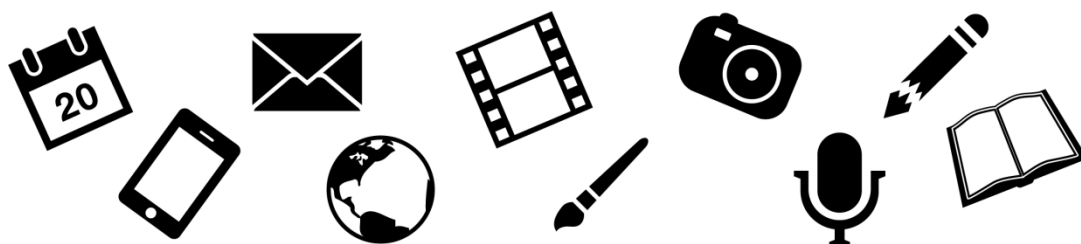




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

11, 12 e 13 de outubro de 2014

Diário Catarinense - Moacir Pereira

"APUFSC"

Associação dos Professores da UFSC - APUFSC / Wilson Erbs / Chapa / Rogério Portanova

APUFSC

O professor Wilson Erbs, do Curso de Química, é o novo presidente da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua chapa obteve 503 votos, ou 58,83% do total, contra 328 da chapa liderada pelo professor Rogério Portanova. Vitória, portanto, da situação.

Notícias do Dia - Gente

"Vocação para o sucesso"

Carl Hoepcke / Meta Elisabeth Zipser / Professora da UFSC

Vocação para o sucesso

Bisneta de Carl Hoepcke, Meta Elisabeth Zipser abriu mão da veia empreendedora da família para se dedicar ao meio acadêmico. Mas do sucesso ela não conseguiu se esquivar. Batizada em homenagem à avó, Meta Luise Zipser, a professora da UFSC é pós-doutora na área em que atua, e uma das maiores autoridades do país nos estudos da tradução como representação cultural.

Diário Catarinense - Fabiano Moraes

"Contestado, de Sylvio Back, na TV UFSC"

TV UFSC / Guerra do Contestado / Batalha do Irani / longa-metragem / Sylvio Back / O Contestado – Restos Mortais / Paulo Pinheiro Machado

Contestado, de Sylvio Back, na TV UFSC

A TV UFSC, em comemoração aos 102 anos da Guerra do Contestado (1912-1916), cujo estopim foi a chamada Batalha do Irani, ocorrida no dia 22 de outubro, exibirá o documentário de longa-metragem *O Contestado – Restos Mortais*, do cineasta catarinense Sylvio Back. A apresentação está marcada para o próximo dia 26, às 23h, com reprises ao longo da semana. Antes, no dia 23, às 19h, haverá um debate com o professor Paulo Pinheiro Machado, especialista em Contestado, e o próprio Back.



Diário Catarinense - Diário do Leitor

“Referência em SC”

Hospital Universitário – HU / Esther Dantas / Mauro Igreja / Dariane Maggi / Ariane Brognovo / Transplante / Rafael Lisboa de Souza / Santa Catarina / Referência em Santa Catarina / Dedicção e zelo / Valquíria Guimarães

REFERÊNCIA EM SC

Agradecer é reconhecer quem são aqueles que estiveram ao seu lado em todos os momentos, em especial, naqueles momentos das adversidades. Por isso, agradeço a todos que compartilham este momento delicado que enfrentamos. Agradeço em especial aos anjos solidários, abnegados e dedicados da equipe médica do Hospital Universitário, desde a competente Esther Dantas, do pré-transplante, das enfermeiras Marisa, Eliza, Izabel, Micheli, passando pelas psicólogas, assistentes sociais, nutricionistas, as meninas da recepção, da equipe de governança, das enfermeiras da clínica 1 e 2. Cito também os cirurgiões do transplante da equipe de Mauro Igreja, Fernando, das médicas da gastro Dariane Maggi, Ariane Brognovo, Débora, Janaina, dos médicos da UTI, doutor Rafael Lisboa de Souza, enfim, tantos anjos, profissionais que nos acolheram com tanto carinho e afeto. O HU é um orgulho para Santa Catarina! Só temos que agradecer muito por tanta dedicação e zelo. O HU é e tem que continuar sendo modelo e referência em SC.

VALQUÍRIA GUIMARÃES, JORNALISTA

Florianópolis

Notícias do Dia

Carlos Damião

“Patrimônio natural e histórico”

Patrimônio / Gama d' Eça / Figueira / Praça 15 / Avenida Trompowsky / Rio Branco / Largo Benjamin Constant / Florianópolis / Marcos Antônio Martins / Chácara do Barão Von Wangenheim / Edifício Casa do Barão / Avenida Beira-Mar Norte / Colégio Catarinense / Bairro do Mato Grosso / Praça Getúlio Vargas / 4º Batalhão da Polícia Militar / Esteves Júnior / Padre Roma / Hercílio Luz / Adolfo Konder / Barão Udo Von Wangenheim / Bocaiuva / Chácara Molenda Primeira reitoria da UFSC

Patrimônio natural e histórico

As incríveis palmeiras da Gama d'Eça, inabaláveis à passagem do tempo e à fúria dos ventos, as palmeiras do aterro da baía Sul, a velha figueira da Praça 15, as árvores das avenidas Trompowsky, Rio Branco e do Largo Benjamin Constant: temos em vários lugares de Florianópolis, predominantemente no Centro, alguns nichos verdes que chamam atenção. E até de longa distância, como as palmeiras da Gama d'Eça. Aliás, descobri numa pesquisa – e ouvindo o arquiteto e urbanista Marcos Antônio Martins – que essas palmeiras imperiais podem ter até 70 anos de idade e presença à paisagem de Florianópolis, plantadas na antiga chácara do barão von Wangenheim, que foi “atravessada” para implantação da avenida, em 1959. A altura delas é superior a 25 metros, alcançando fácil, fácil, o oitavo andar do edifício Casa do Barão, bem ao lado.

Fui adiante na pesquisa e encontrei, no meu baú de fotos antigas (imagem em preto e branco), um registro de 1972, mostrando parcialmente a avenida Beira-Mar Norte, onde as palmeiras já eram bem altas. Para facilitar a localização: note que, à direita das palmeiras, aparece um pedaço da parte frontal do Colégio Catarinense

Memória de Florianópolis



Vista parcial da Beira-Mar, com as palmeiras da Gama d'Eça, em registro de 1972

Outro ponto de patrimônio histórico natural da cidade é a avenida Rio Branco, que conserva árvores muito belas, talvez com 50 anos ou mais. A avenida foi implantada em 1965, ligando o antigo bairro do Mato Grosso (região onde está a Praça Getúlio Vargas) à ponte Hercílio Luz. Anteriormente, a avenida era uma rua entre a Nereu Ramos – altura do quartel do 4º Batalhão da Polícia Militar – e a Esteves Júnior, prolongando-se mais tarde até a Padre Roma. Em 1965 é que terminaram de esticar a via, implantando os trechos inicial e final. À época, conforme os registros históricos, a Rio Branco seguia diretamente para a rua Hoepcke. O acesso à ponte Hercílio Luz era feito pela alameda Adolfo Konder.



Mesmas – e outras – palmeiras, na atualidade

Por último, outro nicho do patrimônio natural é a avenida Trompowsky, não só pelas árvores que são conservadas ao longo das calçadas, mas também pela verdadeira reserva florestal – tombada – na propriedade do falecido barão Udo von Wangenheim, hoje ocupada por seus filhos. Bem ao lado, mas já na Bocaiuva, está a antiga chácara Molenda, sede de uma unidade do Exército, onde foi a primeira reitoria da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

São pedaços de encher os olhos, porque nos dão a satisfação imensa de lembrar que, um dia, Florianópolis foi uma cidade verde, com suas chácaras, jardins, praças. Se a ocupação vertical tivesse sido planejada, teríamos muito, mas muito mais reservas naturais.



Avenida Rio Branco, o belo verde que sobrou

CARLOS DAMIÃO/ARQUIVON

FOTOS CARLOS DAMIÃO/OND

A Notícia Notícias 20

“R\$ 25 milhões para pesquisas”

Cidade / Eficiência energética / Pesquisas / UFSC / Embraco / Convênio / Projetos / Desenvolvimento de pesquisas / Sustentabilidade / Compressores / Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES / Jamil Assreuy / Brasil / Parceria / Lainor Driessen

CIDADE | EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

R\$ 25 milhões para pesquisas

UFSC e Embraco assinam convênio para projetos

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Embraco assinaram contrato para viabilizar o desenvolvimento de pesquisas para aumentar a eficiência energética e a sustentabilidade na produção de compressores. O projeto, com orçamento total de R\$ 25 milhões, será executado com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e da própria Embraco.

– Trata-se de marco nas relações da UFSC com as indústrias

de nosso Estado e no País. Em primeiro lugar, porque é o maior contrato nestes termos celebrado pela universidade com uma empresa, e, em segundo lugar, porque significa um novo patamar na relação que mantemos com a Embraco há mais de 30 anos – afirmou o pró-reitor de pesquisa da UFSC, Jamil Assreuy.

– Nossa parceria consistente com a UFSC é referência não apenas no Brasil, mas em todo o mundo e já resultou no desenvolvimento de tecnologias que

possibilitaram a produção de compressores inovadores. Para nós, é muito importante desenvolver as melhores soluções junto com a universidade e com o mercado de refrigeração, olhando sempre para o futuro.

– Do total do quadro de profissionais dedicados à pesquisa e ao desenvolvimento na Embraco, 60% são egressos da universidade – destaca Lainor Driessen, vice-presidente de pesquisa e desenvolvimento e operações da empresa.



HENRIQUE ALMEIDA, DIVULGAÇÃO

PARCERIA

Assinatura vai permitir busca de soluções na área de compressores

Notícias do Dia

Plural

"Desenhista em tempo integral"

Tatuador / Grafiteiro / Pedro Driin / Difusor de arte / Tela / Desenhar nos muros / São Paulo / Lagoa da Conceição / Design Gráfico / Artes Visuais / Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC / Tintas / Sprays / Tatuagem na Lagoa / Espírito agregador



Desenhista

em tempo integral

Traços. Tatuador e grafiteiro Pedro Driin atua como agente difusor de arte

MARCIANO DIOGO
marciano.dioigo@noticiasdodia.com.br

“Mas a rua é a maior tela do mundo. Nada substitui a adrenalina de desenhar nos muros.”

PEDRO DRIIN

Aos dez anos de idade Pedro Driin, 35 anos, já pintava as paredes de seu quarto e os corredores de sua casa em Atibaia, no interior de São Paulo. Incentivado pela mãe, professora de artes, o paulista se mudou para a Capital catarinense há quinze anos em busca de um espaço maior para seus desenhos. Hoje, o artista tem seu estúdio e ateliê localizado na Lagoa da Conceição, e vende cerca de quatro telas por mês, além de tatuar diariamente pelo menos duas pessoas.

Graduado em design gráfico e mestre em artes visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UFSC), Driin conta que veio para a ilha com duas malas: uma contendo suas roupas e outra com suas tintas

e sprays. “Já fazia desenhos para tatuagem, mas comecei a tatuar de verdade em 2000, quando ganhei o equipamento de um amigo. Mas a tatuagem não supria a minha necessidade de expressão, então em 2006 pintei cinco quadros de óleo sobre tela e no ano seguinte fiz minha primeira exposição”, relata o desenhista, como gosta de ser chamado.

A partir de sua primeira mostra, os trabalhos de Driin ganharam maior visibilidade e despontaram pelo mundo. O artista realizou em 2007 uma exposição com suas telas na Alemanha, mas revela que nunca deixou de praticar o grafite. “A tatuagem permite uma evolução e aprimoramento dos meus desenhos. Mas a rua é a maior tela do mundo. Nada substitui a adrenalina de desenhar nos muros. Mas minha arte de rua é mais leve, trago anjos

e mulheres para as paredes. Me encanto pela figura feminina, elas me hipnotizam. Acho que a linguagem do meu desenho é o que me diferencia”, afirma.

Atualmente, Driin gerencia seu estúdio de tatuagem na Lagoa, que tornou-se uma espécie de centro de cultura. O local conta com uma biblioteca extensa com livros de arte, além da exposição de algumas roupas com os seus desenhos, que também é patrocinado por algumas marcas. “Meus amigos grafiteiros me visitam quase todos os dias. O espaço tornou-se uma galeria de arte, onde os artistas discutem sobre desenhos, arte de rua, intervenções, e inclusive, expõem parte de suas pinturas”, conclui.

Espírito agregador

O desenhista revela ainda que sempre que é chamado para um trabalho específico convida seus amigos grafiteiros para colaborarem. “As pessoas viram em mim um potencial que nem eu mesmo via. Gosto de fazer o mesmo com outros artistas. Juntos somos mais fortes”, garante Driin. Com espírito agregador, o tatuador afirma que a internet possibilitou uma difusão maior de seus trabalhos, e acredita que não falta espaço para o desenho e o grafite em Santa Catarina, mas sim interesse das pessoas. “Acho que falta uma entrega maior. As pessoas precisam se permitir mais a consumir esse tipo de arte. Cada desenho meu acrescenta algo em minha identidade, e minha intenção é que ele faça o mesmo pelos outros”, diz Driin.

per
fil

Notícias do Dia

Plural

“Raridades para download”

Portal Catarina / Jorge Amado / Harry Laus / Claire Cayron / Álbuns digitalizados / Reportagens / Artigos / Jornal do Brasil / Resumo de arte / Revista Vozes / Digitalização / Semana de Arte Moderna / Lasar Segall / Anita Malfatti / Delminda Silveira de Souza / Ernani Rosas / História da cidade de São Paulo / Alfredo d’Escragnon Taunay / Tânia Regina Ramos / Núcleo Literatura e Memória da UFSC / Cruz e Sousa / Últimos sonetos / Nestor Vitor / Portal Literatura Digital





Ficcionistas.
O catarinense
Harry Laus com
o escritor Jorge
Amado, em foto
de 1969

Antes dos livros, a crítica de arte

Entre os últimos documentos cadastrados no Portal Catarina estão o citado bilhete enviado por Jorge Amado a Harry Laus agradecendo pelo livro recebido e a carta, o telegrama e as fotos de Laus com Claire Cayron. Mais importante, contudo, são os álbuns digitalizados contendo reportagens e artigos que o então crítico catarinense publicou no "Jornal do Brasil" entre 1964 e 1965. Ele mantinha ali uma coluna de artes plásticas e chegou a criar uma exposição chamada "Resumo de Arte", que teve grande repercussão no Rio de Janeiro.

O portal também digitalizou parte de um artigo publicado na revista "Vozes" analisando as manifestações que antecederam a Semana de Arte Moderna de 1922 a partir de eventos como as exposições de Lasar Segall em Campinas (SP) e de Anita Malfatti em São Paulo na década anterior. A cópia não tem data e traz como ilustração uma obra de Arcângelo Ianelli, feita em 1970. Para Harry

Laus, os dois eventos mostravam "a inquietação reinante nos meios intelectuais, tendendo para um rompimento brusco com os processos tradicionais de criação e com o ranço acadêmico nas artes plásticas".

Nas matérias que publicou na "Veja", onde mantinha duas páginas semanais, Laus falou de nomes importantes das artes como Manabu Mabe, Francisco Stockinger, Mário Cravo, Carlos Sciar, Amílcar de Castro, Alfredo Volpi, João Câmara Filho, Tarsila do Amaral e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. As reportagens eram ilustradas com fotografias em cores das obras dos artistas, o que tornava a seção atraente para a leitura. Há fotos das carrancas de madeira do Vale do São Francisco, em Minas Gerais, da arquitetura ameaçada em Ouro Preto e da arte que estava por trás do Carnaval carioca. Esse material chegou ao portal por meio da professora Zahidê Muzart, que também participa do projeto.



Cartas apaixonadas do poeta

Entre os arquivos mais acessados do Portal Catarina estão a obra completa de Delminda Silveira de Souza, poemas esparsos de Ernani Rosas e a "História da cidade de São Paulo", de Alfredo d'Escagnolle Taunay, que foi deputado e presidente da província de Santa Catarina. Ao todo, são 4.476 documentos e 2.610 arquivos digitais. A professora Tânia Regina Ramos, coordenadora do Núcleo Literatura e Memória da UFSC,

diz que um dos autores com mais itens digitalizados é Cruz e Sousa.

Dele chama atenção uma edição de "Últimos sonetos" impressa postumamente em Paris no ano de 1905, com prólogo assinado por Nestor Vitor, estudioso da obra do poeta. Há manuscritos de poemas e inúmeras cartas, entre elas as que contêm pungentes declarações de amor e de saudade enviadas à mulher Gavita de março a dezembro de 1892.

Tânia Ramos alerta para as diferenças entre a obra publicada por cada escritor e o acervo material que deixou em forma de correspondências, por exemplo. Este espólio constitui uma materialidade que ajuda a entender a vida e o legado do autor. O Nupill mantém ainda um acervo de 74.634 obras, 18.420 autores e 3.886 arquivos dentro do portal Literatura Digital, biblioteca de autores de língua portuguesa.



Chere anue!

Devassa digital

Literatura. Portal disponibiliza obras, documentos, fotos e correspondências de 324 escritores catarinenses

Bahia, 05 de abril de 1976

PEREIRA e
Maura, de "Quer
excelente encontrar em "A P
de toda a sua poesia,
ritmo, na diversidade d
o, permanente de prime

Hom o prefácio de Maura
as ilustrações de O
Rago Mundi Jr., valo
ia madura e genero
frases na mão. O
contro com uma poeti
admiração fez-se a



Salvador, 17 de junho de 1980

Caro Almeida Cousin,

Andei viajando e somente agora, recebo seus "Cem anos de Memórias" (2ª edição). Não sei se se trata da 2ª edição de "Memórias de Cem Anos" que há algum tempo com tanto prazer e interesse. Saberei daqui a pouco, pois vou iniciar a leitura.

Grande abraço para Maura e para você e Zelia e do velho admirador e amigo.

URGENTE

RECEBIDO
EM 11/06/80
DE MOURA PEREIRA

TEL. 5000.0000
RUA BARRA DO BRASILEIRO, 1400
CEP. 68000-000
FLORESTA, FORTALEZA

MOURA PEREIRA
RUA BARRA DO BRASILEIRO, 1400
CEP. 68000-000
FLORESTA, FORTALEZA

que tem um pouco do espírito de Maura,
mas, com a ausência de Chico, não te adianta
acreditar pela... não me falei com alicia
e carinho de um filho filial, e depois, não
falei mais que o filho de nosso amigo
abraço muito mais que o filho que é um sujeito
de pessoas honestas e de bem!

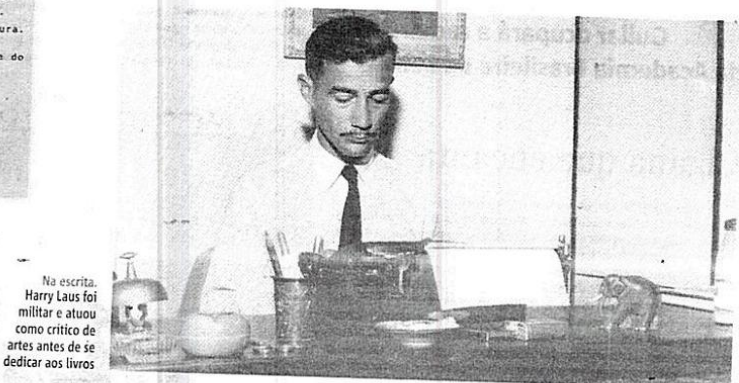
PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasodia.com.br

O escritor Harry Laus é conhecido por romances que estão entre os melhores da literatura catarinense, mas seus vínculos com a arte e a produção cultural, aqui e em outros estados, são anteriores à obra escrita que legou aos leitores. Com os livros esgotados e fora do prelo, a opção dos admiradores do autor é aguardar que "O santo mágico" e "Os papéis do coronel", por exemplo, sejam digitalizados pelo Portal Catarina, como ocorreu com Maura de Senna Pereira, que tem mais de 2.000 itens ali cadastrados e disponíveis para download. Esse rico material sobre as letras de Santa Catarina, que inclui ainda 173 poemas de Cruz e Sousa e 585 manuscritos

de Ernani Rosas, pode ser acessado em www.portalcatarina.ufsc.br.

Hospedado na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o portal é uma grande biblioteca virtual que reúne livros, fotografias, cartas, textos críticos e outros documentos de e sobre 324 escritores catarinenses. Nem todas as obras estão digitalizadas, "seja por não estarem em domínio público", segundo o professor Alcmar Luiz dos Santos, coordenador do Nupill (Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística), ao qual o projeto do portal está associado. No caso de Maura Pereira, o banco de dados permite tanto o acesso aos livros quanto o conhecimento de aspectos da vida pessoal da escritora, por meio de imagens, correspondências e textos publicados por ela e sobre ela durante muitos anos.

Quando a Harry Laus, que foi redator e crítico de arte da revista "Veja" e escreveu para o "Jornal do Brasil" na década de 1960, uma parcela substancial do espólio (a exceção são as obras de ficção) também pode ser vista no portal. Ali aparecem fotos do escritor ao lado de Claire Cayron, sua tradutora na França, e de Jorge Amado, com quem Laus se correspondia. Num bilhete, o autor de "Capitães da Areia" agradece, em 1980, o recebimento do livro "De-como-ser", que Laus lançou dois anos antes. No caso de Maura Pereira, há uma carta de julho de 1988 no qual a tradutora sugere pequenas mudanças num texto que seria traduzido naquele ano ("A primeira bala"), além de um telegrama do ano anterior dando conta da conclusão da correção das provas de um livro - pela data, deve ser "Les reveils de Zénon de Plaias"/"As horas de Zenão das Chagas".



Na escrita. Harry Laus foi militar e atuou como crítico de artes antes de se dedicar aos livros

Agora tem dois mil itens cadastrados

O Portal Catarina é um bom caminho para encontrar obras de muitos autores, de Cruz e Sousa e Ernani Rosas aos contemporâneos. A romancista e poeta Maura de Senna Pereira, por exemplo, tem todo o seu acervo digitalizado, incluindo livros como "Busca a palavra" e "Cântaro de ternura" e um grande número de cartas enviadas e recebidas, críticas, fotografias, telegramas, notas datilografadas ou manuscritas e até uma credencial de imprensa. Sua vasta correspondência inclui cartas a escritores, críticos e companheiros da ACL (Academia Catarinense de Letras)

como C. Ronald, Theobaldo Costa Jamundá, Walter Fernando Piazza, Celestino Sachet, Silveira de Souza, Nereu Corrêa e Sylvia Amélia Carneiro da Cunha.

Nascida em Santa Catarina mas radicada no Rio de Janeiro, Maura guardou telegramas, cartas trocadas com familiares, notas datilografadas ou manuscritas, artigos que escreveu, reportagens sobre seus livros, álbuns de fotografia, catálogos e até cartões de Natal. São exatos 2.121 documentos, aí incluídas as correspondências que recebeu de figuras importantes das letras, como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Josué

Montello, Alceu de Amoroso Lima, Nélida Piñon, Massaud Moisés, Nelly Novaes Coelho e Stella Leonards. Entre os catarinenses com quem se correspondeu aparecem Emanuel Medeiros Vieira e Alcides Buss.

"Esse material veio da Academia Catarinense de Letras, ainda na presidência do professor e crítico Lauro Junkes, por empréstimo, para restauração, conservação e cadastramento do acervo documental", explica Alcmar dos Santos. Até agora, a coordenação do portal ainda está tentando devolver o acervo de Maura Pereira à Academia.

"E a memória perdida: história que é melhor não contar"

Cultura / Eduardo Hoerhan indígena em SC / Xokleng / Grupo Laklãnõ / Alto Vale do Itajaí / Porto União - SC / Pacificação / Estado brasileiro / Proteção aos indígenas / Eduardo de Lima e Silva Hoerhan / Processo de Paz / Supremo Tribunal Federal / Ação Civil Ordinária / Kaingang / Jéssica Nghe

E a memória perdida: história que é melhor não contar

Xokleng

Em setembro, o *Cultura* publicou artigo sobre Eduardo Hoerhan, conhecido como "pacificador" indígena em SC. Agora abre espaço para um outro olhar sobre o tema

CLOVIS ANTONIO BRIGHENTI,
MEMBRO DA REGIONAL SUL DO CIMI (CONSELHO INDIGENISTA
MISSIONÁRIO, ORGANISMO LIGADO À CNBB), DOUTOR EM HISTÓRIA PELA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, PROF. DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA - UNILA



À frente,
Jéssica Nghe
- Muru, etnia
a mais linda
índia em festa
realizada no
último dia 21
na aldeia

Neste mês de setembro completou-se exatos 100 anos que um grupo de indígenas Xokleng resolveu aceitar a proposta de paz feita pelo Estado brasileiro. Trata-se do grupo Laklãnõ que atualmente vive no Alto Vale do Itajaí. Outros grupos Xokleng optaram por se manter livres em seu território e por esse motivo não foram "protegidos" pelo Estado. Pelo contrário, massacrados por bugreiros, colonos e fazendeiros, foram dizimados e restou um pequeno grupo em Porto União-SC.

Muito se tem enaltecido funcionários do Estado brasileiro e o próprio Estado pela relação estabelecida no momento da "pacificação" e pela atenção dispensada ao longo de setenta anos. A exaltação é, no geral, narrada por quem se beneficiou do processo do ponto de vista econômico ou social. É recomendável uma revisão bibliográfica a partir do ponto de vista indígena, um recontar da história para que a paz seja de fato estabelecida e que de alguma maneira os indígenas possam ser beneficiados.

As relações que marcaram os indígenas Xokleng com os não-indígenas no século XX não podem ser contadas em poucas linhas, tampouco filtradas pela amnésia intencional daqueles que sabem de suas responsabilidades quanto à violên-

cia impetrada e preferem o esquecimento.

O Estado brasileiro, envergonhado que estava diante das atrocidades que eram cometidas contra indígenas, criou em 1910 o Serviço de Proteção aos Indígenas (SPI), uma agência de princípios humanitários e disposta a inovar, criar novas relações com os povos indígenas. Uma das primeiras atribuições desse serviço foi pacificar - nome cunhado da literatura de guerra que significa estabelecer a paz. Partia-se de um pressuposto que havia uma guerra declarada. Na visão das companhias colonizadoras os Xokleng fariam guerra contra os não indígenas. Na perspectiva indígena era exatamente o contrário, ou seja, as frentes de colonização invadiram o território indígena e guerreavam.

O Estado, personificado no SPI, conferiu a responsabilidade de mediar a paz. Todavia, o SPI representava uma das partes. Não cabia a ele a mediação, a ele cabia sim retirar os invasores e impedir que continuassem invadindo. Mas fez justamente o contrário, legalizando a invasão e reduzindo o território do povo invadido a uma minúscula fração do mesmo. E fez mais, criou



uma estrutura administrativa, política e ideológica para manter os indígenas confinados na reserva. A pacificação significou a proteção aos invasores e o reconhecimento das terras roubadas como legítimas. Seu objetivo não era a proteção indígena, ao contrário, era proteger a sociedade regional de uma pressuposta agressão indígena. Agrava-se o fato da legislação brasileira, inclusive a Lei 601 de 1850, época do Império, reconhecer o direito indígena sobre seus territórios, mas depois agir contra a lei, leiloando as terras indígenas ou os expulsando.

A paz proposta pelo SPI aos Xokleng em 1914 nunca se materializou, ao contrário, a violência continuou, agora de maneira institucional. As poucas terras reservadas, como acordo de pacificação, foram sendo reduzidas. Dos cerca de 40 mil hectares reservados no início do século, restou aos Xokleng menos de 15 mil. Acordos, negociatas e abusos foram marcas no processo de roubo das terras. Em 1963, uma invasão é organizada por empresários regionais com centenas de famílias camponesas para roubar os últimos 15 mil

hectares. Sozinhas e sem apoio, as lideranças indígenas se deslocaram a pé até a Capital do Estado para denunciar e cobrar uma solução. Apenas em 1998, a revisão dos limites com a possível retirada dos invasores começa a ter um fim. Porém o processo encontra-se em julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) devido a uma Ação Civil Ordinária (ACO 1100) impetrada pelo estado de Santa Catarina, empresas madeireiras e outros ocupantes.

Outra variante da prática abusiva do SPI foi considerar as terras Xokleng como de sua propriedade. Durante os governos militares, o órgão indigenista autorizou a construção de uma barragem para contenção de cheias no Vale do Itajaí, protegendo as cidades de Ibirama, Indaial, Blumenau e Gaspar das enchentes e deixando aos indígenas um lago lamacento e podre. Mais de mil hectares de terras na várzea do rio ficaram submersas, as melhores e justamente onde se encontravam suas aldeias. Até hoje não foram devidamente indenizados e sofrem com os acessos. Basta um pouco de chuva para a aldeia ficar ilhada.



Celebração na Aldeia de José (Boiteux), no Vale do Itajaí, que lembrou os 100 anos do primeiro contato com os brancos (fotos à esquerda e à direita)

Herói para alguns. Vilão para outros

A sociedade reconhece Eduardo de Lima e Silva Hoerhan como o herói pacificador, aquele que teve a audácia de estabelecer o contato e conviver com esse povo por praticamente meio século. Foi ele quem garantiu a tranquilidade para a sociedade regional, que impediu aos indígenas circularem por seu território tradicional, também foi o responsável por introduzir os valores e costumes das sociedades ocidentais neste

povo. Mas na memória Xokleng não há heroísmo. Inclusive questionam o fato dos Kaingang terem sido ignorados ao longo da história, quando eles foram os protagonistas do contato, já que eles conseguiam se comunicar com os Xokleng na língua materna. Conforme relato de alguns indígenas, em alguns momentos "Eduardo ajudou os índios, mas a ajuda dele foi muito menor do que ele massacrava os índios."

Saudade*

Saudade da mata, por onde andava
Saudade da caça, que a todos tratava
Saudade do mom, que índio bebia
Saudade das festas, tudo era alegria

Saudade do fogo, que o índio acendia
Saudade das danças, grande era a alegria
Saudade do rio, onde crianças nadavam
Saudade dos peixes, que os alimentava

Saudade da terra, que foi invadida
Saudade da mata, que foi destruída
Saudade da reiva, que o fogo queimou
Saudade de tudo, que o tempo apagou

Saudade do ouro, e do pau Brasil
Saudade de tudo, que daqui sumiu
Saudade do índio, que o branco matou
Com esta saudade, pro tumulto you.

* Poema do índio João Adão Nunc-nfoandro de Almeida

Processo de paz

A paz é resultado da reconciliação. A reconciliação não se faz pelo esquecimento. A eliminação da prática da tutela e a superação do modelo opressor do estado na década de 1980 significaram importante passo na construção da pacificação. No entanto, a paz ainda é um projeto utópico. A devolução das terras e a reparação dos danos causados pela barragem norte poderão significar um importante passo

rumo a consolidação do processo de pacificação.

Recontar a história a partir da memória indígena, processo que a escola tem relevante papel pelo poder de incidir em crianças e jovens, poderá significar um importante elemento de revisão dos registros históricos que enaltecem vilões como heróis e falseiam os dados para evitar que a memória cumpra com seu papel de mobilizadora das sociedades.



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 11/10/2014

[O industrial vive num ambiente hostil à produção](#)

Notícias dia 12/10/2014

[Entenda os desafios de SC em meio à onda de violência que já dura 17 dias](#)

Notícias dia 13/10/2014

[Eleitores em SC ilustram tradição de 'voto do contra' do estado](#)

[No Estado mais 'aecista', agricultor pede 'mesma atenção dada ao Nordeste'](#)

[Vestibular UFSC 2015: Inscrições encerram nesta quarta-feira, 15 de outubro](#)

[UFSC -Conselho Universitário decide que Ebserh será discutida em debates e consultas públicas](#)

[UFSC sedia Seminário de Literatura Infantil e Juvenil com apoio da FAPESC](#)

[UFSC 2015: resultado da isenção da taxa de inscrição é publicado](#)

[Agricultores reclamam de falta de investimento no Estado mais 'aecista'](#)

[Eleitores em SC ilustram tradição de 'voto do contra'](#)

[Antaq participa de encontro sobre navegação interior no Ministério dos transportes](#)

[Maringá sedia Conferência Brasileira de Pós-colheita de grãos](#)

[Especialista fala que projetos de governo são parecidos e diferença entre os candidatos será pequena](#)

[Prazo para contribuições ao Plano Estadual de Cultura do Paraná é estendido até novembro](#)

[21ª Festival Isnard Azevedo abre na sexta-feira \(17\)](#)

[Brasil inaugura primera embaracación sostenible solar](#)

[Aberto o edital para ocupação dos espaços públicos da UFSC](#)

[UFSC prorroga prazo de inscrições para o curso de especialização em educação, pobreza e desigualdade social](#)